

Carta do Gestor

AVON

SUMÁRIO

CENÁRIO ECONÔMICO:

BRASIL: O Banco Central detalhou os fundamentos que sustentaram a continuidade do ciclo de calibração da política monetária.

EUA: O Federal Reserve elevou a taxa de juros em 25 pb, para o intervalo de 3,75% a 4,00%.

EUROPA: Banco Central Europeu decidiu subir a taxa de juros em 25 pb para 2,50%, conforme esperado pelo mercado.

CHINA: Economia chinesa seguiu em desaceleração em agosto.

PROJEÇÕES:

Projeções da Bradesco Asset para os principais indicadores macroeconômicos.

RENTA FIXA:

O mês de setembro foi bastante positivo para os ativos de renda fixa local.

RENTA VARIÁVEL:

O mês de setembro foi marcado por forte divergência entre o comportamento dos mercados internacionais e o brasileiro.

MULTIMERCADO:

Retorno dos principais índices e desempenho dos fundos multimercado.

FUNDOS MULTIGESTORES:

Desempenho dos fundos espelhos



BRASIL

O Banco Central detalhou os fundamentos que sustentaram a continuidade do ciclo de calibração da política monetária. Na ata da última reunião do Copom, o Comitê avaliou que a atividade econômica mostra moderação, sobretudo em setores mais cíclicos, e que o crédito tem mostrado desaceleração, ainda que o mercado de trabalho siga apresentando rendimentos com crescimento superior ao da produtividade do trabalho. Em relação à inflação, foi destacada a queda tanto do índice cheio como das medidas subjacentes, nas leituras mais recentes de preços ao consumidor. No entanto, o Comitê monitora com atenção a desancoragem das expectativas, sobretudo nos prazos mais longos. Segundo o documento, os riscos para a inflação seguem mais elevados do que o usual e com assimetria altista. O Comitê avaliou que, ainda que haja evidências de transmissão da política monetária para a atividade, a inflação permanece pressionada pela demanda, exigindo que a taxa de juros permaneça em patamar restritivo para assegurar a convergência da inflação à meta. Na mesma linha, o Relatório de Política Monetária (RPM) trouxe projeções para a inflação próximas da meta no horizonte relevante, mesmo com hiato revisado ligeiramente para cima no curto prazo e expectativas mais elevadas. A projeção de inflação incorpora a hipótese de um El Niño forte, que pressiona a inflação no curto prazo, mas gera devolução relevante em 2028. Em nossa avaliação, o Comitê seguirá incorporando novas informações e acompanhando a evolução do cenário para determinar o nível de restrição adequada. Esperamos uma taxa de 13,25% ao final deste ano.

PIB teve crescimento de 0,5% na margem no 2º trimestre. Embora o resultado divulgado pelo IBGE tenha vindo pouco acima do esperado pelo mercado (0,4%),



BRASIL

representa desaceleração em relação ao crescimento de 1,1% do trimestre anterior. Além disso, as principais surpresas positivas em relação às projeções podem ser atribuídas a setores menos sensíveis à política monetária, como a agropecuária (2,8%) e a indústria extrativa mineral (3,4%). Nesse sentido, nossa medida de PIB cíclico avançou apenas 0,2% no período. Pela ótica da oferta, além do crescimento da agropecuária, houve avanço de 0,1% da indústria e de 0,2% de serviços, puxados por informação e comunicação (2,1%) e transportes (1,1%). Pela ótica da demanda, os resultados foram mistos. De um lado, o consumo das famílias teve queda de 0,4% na margem, revertendo parcialmente a alta anterior, enquanto o investimento teve crescimento de 1,2%. O setor externo teve contribuição líquida negativa para o PIB: as exportações recuaram 0,8% na margem, enquanto as importações avançaram 1,8%. Dessa forma, a composição do crescimento revela um quadro menos aquecido para a atividade, como reflexo, de um lado, do efeito acumulado da política monetária contracionista, e, de outro, do menor impacto dos estímulos de crédito. Assim, revisamos nossa projeção de PIB de 2026 de 2,0% para 1,9%.

O IPCA-15 acelerou para 0,70% em setembro, bem acima do esperado pelo mercado (0,55%). Após recuar 0,40% em agosto, boa parte da alta foi explicada pela devolução do Bônus de Itaipu nas contas de energia elétrica, que avançarem 7,42% na margem. Já a surpresa altista veio principalmente da inflação de serviços, notadamente de passagens aéreas e transporte por aplicativo. A alimentação no domicílio também surpreendeu para cima, voltando ao campo positivo após dois meses seguidos de deflação. Do ponto de vista qualitativo, os núcleos voltaram a



BRASIL

mostrar aceleração, interrompendo a trajetória de melhora recente. A média dos núcleos acelerou de 3,9% para 4,3% na média móvel trimestral dessazonalizada e anualizada, enquanto os serviços subjacentes passaram de 4,8% para 5,3% na mesma métrica. Em 12 meses, o indicador também acelerou, de 4,24% para 4,47%, voltando a se aproximar do limite superior da meta. Esperamos que esse movimento persista nos próximos meses, com o IPCA encerrando 2026 com alta de 5,1%.

CENÁRIO MACROECONÔMICO



EUA

O Federal Reserve elevou a taxa de juros em 25 pb, para o intervalo de 3,75% a 4,00%. A decisão foi unânime e retomou o ciclo de aperto monetário. No comunicado, o FOMC destacou que a atividade econômica continua crescendo em ritmo sólido, com consumo resiliente, forte crescimento da produtividade e investimentos robustos. Ao mesmo tempo, enfatizou que a inflação permanece elevada e afirmou que a ação adotada busca assegurar um retorno mais rápido da inflação à meta de 2%, reforçando o compromisso com a estabilidade de preços.

As projeções econômicas reforçaram a interpretação mais dura da decisão. A mediana para o núcleo do PCE em 2026 foi revisada de 3,3% para 3,4%, enquanto a projeção para 2028 subiu de 2,1% para 2,2%, sugerindo uma convergência mais lenta da inflação para a meta. A projeção de 2027 permaneceu em 2,5%. Em contrapartida, as estimativas de crescimento e mercado de trabalho melhoraram, com o PIB de 2026 passando de 2,2% para 2,3% e a taxa de desemprego recuando de 4,3% para 4,1%. Sobre a trajetória de juros, a mediana para os Fed Funds no fim de 2026 avançou de 3,8% para 4,1%, compatível com um novo aumento de 25 pb, enquanto as projeções para 2027 e 2028 também foram revisadas para cima, para 4,1% e 3,9%, respectivamente. A distribuição mostrou 16 dos 18 participantes projetando juros em 4,125% ou mais ao final de 2026, com apenas dois membros abaixo desse nível, reforçando a visão de juros mais altos por mais tempo.

Na coletiva de imprensa, Kevin Warsh, presidente do Fed, manteve um tom firme e reforçou que o combate à inflação permanece como prioridade do Federal Reserve. O presidente destacou que a autoridade monetária está focada no lado da estabilidade de preços do mandato, afirmando que as leituras recentes não indicam melhora significativa inflação subjacente.



EUA

Warsh novamente retirou o peso da sinalização futura, dando importância fundamental à evolução dos dados. Nesse contexto, chamou atenção a sua avaliação de que a decisão dessa reunião consistiu em retirar uma dose da acomodação monetária, sugerindo que a política ainda não é suficientemente restritiva diante do cenário inflacionário. Diante desse cenário, mantivemos a expectativa de uma nova alta de juros na reunião de dezembro, com risco assimétrico para a continuidade das altas.



EUROPA

Banco Central Europeu decidiu subir a taxa de juros em 25 pb para 2,50%, conforme esperado pelo mercado. O comunicado da decisão destacou que as pressões dos preços de energia seguem elevadas, o que pode levar a inflação ficar mais elevada por um período mais prolongado. Ao mesmo tempo, houve ajuste das projeções, com revisões para cima tanto do índice cheio dos preços ao consumidor como do núcleo, ficando acima da meta em 2028. Houve o reconhecimento da resiliência da atividade econômica, com taxas de crescimento mais elevadas para este e o próximo ano. A presidente da instituição, Christine Lagarde, na coletiva de imprensa, disse que o comitê não discutiu as próximas decisões e que seguirão pautados pela evolução dos dados e que as decisões serão tomadas a cada reunião. Ainda assim, as projeções atualizadas divulgadas pelo BCE, considerando principalmente o cenário base, apontam para pelo menos mais uma alta de juros, que deve chegar a 2,75% no final de 2026.

O Banco da Inglaterra manteve a taxa básica em 3,75%. 6 membros votaram a favor da manutenção, enquanto 3 optaram pela elevação de 25 pb. O comunicado adotou tom mais duro, destacando o aumento dos riscos altistas para a inflação e a maior resiliência da economia. O Comitê demonstrou preocupação com a persistência dos preços de energia e alimentos e com a possibilidade de efeitos de segunda ordem sobre salários e expectativas, indicando que não seria prudente esperar por evidências definitivas antes de agir. Mantidos os preços de energia elevados, esperamos altas de 25 pb em novembro de 2026 e fevereiro de 2027, levando a taxa básica a 4,25% neste ciclo de aperto monetário.



CHINA

Economia chinesa seguiu em desaceleração em agosto. A produção industrial avançou 5,2% ante o mesmo período do ano anterior. Com isso, nota-se alguma melhora da indústria em relação a julho, refletindo a retomada do processamento de petróleo e derivados. Por outro lado, os indicadores de demanda interna mantiveram tendência de moderação. As vendas no varejo avançaram 0,4%, abaixo do esperado e do verificado no mês anterior, e os investimentos em ativos fixos acumularam queda de 7,2% no ano. Essa moderação da economia, verificada desde meados do 2º trimestre, tem colocado em risco o cumprimento da meta de expansão entre 4,5 e 5,0% deste ano. Mesmo que as exportações continuem firmes, acreditamos que a política fiscal ganhará tração nesses últimos meses do ano para dar suporte ao consumo doméstico.

PIB

2026	2027
1,90%	1,20%

SELIC

2026	2027
13,25%	11,75%

IPCA

2026	2027
5,10%	4,50%

DÓLAR

2026	2027
5,05	5,10

As projeções expressas neste relatório são apenas indicativas e não são garantidas de forma alguma.

PERSPECTIVAS RENDA FIXA

O mês de setembro foi bastante positivo para os ativos de renda fixa local. Ainda assim, o cenário à frente continua desafiador, tanto por temas domésticos quanto globais, o que exige uma leitura cuidadosa dos riscos e disciplina na condução dos portfólios.

No exterior, a gestão de renda fixa acompanha com atenção duas frentes distintas. A primeira está na parte curta da curva de juros americana. O Federal Reserve voltou a subir juros, mostrando impaciência com a trajetória da inflação, e iniciou um novo ciclo de aperto monetário. A segunda frente, que piorou de forma significativa nos últimos meses, é a alta dos juros longos em escala global. As taxas mais longas de economias desenvolvidas, como Estados Unidos, Japão e Alemanha, chegaram a patamares que não eram vistos há muito tempo. A Treasury de 30 anos, por exemplo, superou o patamar de 5,60% ao ano. Esse movimento reflete uma tendência que ganhou força após a pandemia. De um lado, os governos estão mais endividados depois de uma forte expansão fiscal. De outro, a inflação segue acima das metas na maior parte do mundo desenvolvido há mais de cinco anos. O resultado é uma exigência de prêmio de prazo mais elevado por parte dos investidores.

No Brasil, a dinâmica eleitoral continua ditando os preços dos ativos. Acreditamos que esse ambiente deve prevalecer nas próximas semanas, ao longo de outubro, o que exige cautela na gestão das estratégias de renda fixa.

Além do cenário eleitoral, o bom desempenho da renda fixa no mês também se apoiou em fatores macroeconômicos domésticos. A expectativa de uma desaceleração mais branda da atividade abre espaço para que o Banco Central conduza o ciclo de cortes de juros de forma ininterrupta. Em nosso cenário base, a Selic termina 2027 em 11,75% ao ano. A atividade mais fraca prevista para o próximo ano, associada à desaceleração na concessão de crédito e à não renovação de programas sociais, vinculado a um elevado patamar de juros que observamos atualmente na economia, devem ser os principais vetores para o ciclo de queda de

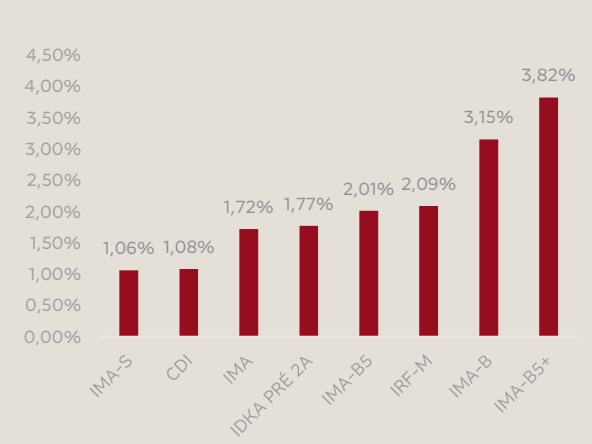
juros pela frente. Esse efeito deve aparecer sobretudo nos vértices curtos e intermediários, que hoje concentram nossa principal tese de investimento.

Olhando à frente, o principal ponto de atenção está na trajetória fiscal de 2027. Independentemente do resultado das eleições de outubro, o mercado deve cobrar do próximo governo algum grau de ajuste fiscal. Em nossa avaliação, um ajuste apenas mínimo tende a manter pressões inflacionárias crescentes, com câmbio mais depreciado, atividade mais fraca e relação entre Dívida Bruta do Governo Geral e PIB caminhando para perto de 100%. Nesse caso, as curvas de juros podem voltar a ser pressionadas, principalmente nos vértices mais longos, tanto na parte prefixada quanto na parte atrelada à inflação. Por outro lado, um ajuste fiscal mais amplo abriria uma avenida mais clara para o fechamento dos juros, em um ambiente com expectativas de inflação mais ancoradas no médio e longo prazo e uma dinâmica mais favorável da relação dívida/PIB.

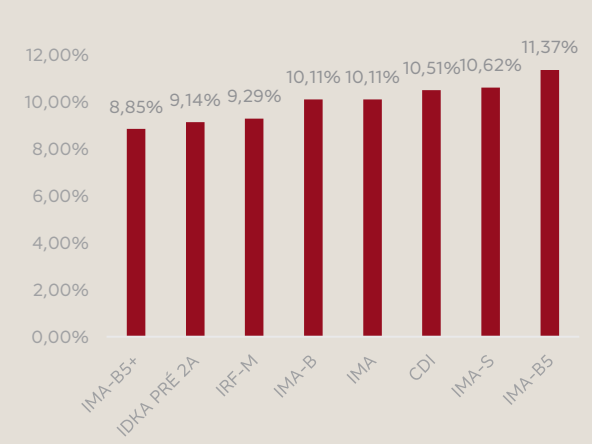
Esse conjunto de cenários, com desfechos bastante diferentes entre si, reforça a importância da gestão ativa. Em um ambiente de alta volatilidade, a atuação ativa permite ajustar as estratégias, o nível e a composição dos riscos nas carteiras conforme as assimetrias surgem, capturando oportunidades e protegendo os portfólios. Tudo isso sempre dentro do mandato de cada um dos produtos de renda fixa da Bradesco Asset.

RENTABILIDADE DOS PRINCIPAIS BENCHMARKS DE RENDA FIXA

M Ê S



A N O



PERSPECTIVAS RENDA VARIÁVEL

O mês de setembro foi marcado por forte divergência entre o comportamento dos mercados internacionais e o brasileiro. No exterior, a abertura das curvas de juros, a alta do petróleo e a persistência das pressões inflacionárias afetaram negativamente a maior parte das bolsas.

Nos Estados Unidos, o desempenho positivo dos principais índices mascarou uma deterioração mais ampla do mercado. A valorização concentrada nas empresas de tecnologia compensou a fraqueza observada nos demais setores. O ciclo de investimentos em inteligência artificial continuou impulsionando receitas e lucros das companhias expostas ao tema, mas passou também a competir por capital com outros segmentos da economia.

O choque de energia voltou a ocupar posição central no cenário global. A intensificação das tensões no Oriente Médio levou o petróleo a níveis mais elevados ao longo do mês, aumentando as preocupações com inflação, margens corporativas e política monetária. O principal gargalo permaneceu concentrado no mercado de diesel e na capacidade de refino, que não depende apenas do oriente médio. Esse ambiente favoreceu as empresas produtoras de petróleo, mas ampliou a pressão sobre setores mais dependentes de energia e sobre economias importadoras de combustíveis.

No Brasil, o Ibovespa apresentou forte valorização e voltou a se destacar positivamente em relação aos mercados globais. O movimento foi impulsionado pela combinação de inflação corrente mais benigna, continuidade do ciclo de redução da Selic e melhora da percepção dos investidores em relação às perspectivas eleitoral e fiscal para 2027. A queda das taxas de juros domésticas beneficiou principalmente as empresas voltadas ao mercado interno, enquanto o real apresentou desempenho superior ao de outras moedas emergentes.

A rotação setorial favoreceu os segmentos mais sensíveis à redução dos juros, que haviam sido os mais penalizados nos últimos anos. Em contrapartida, o setor de mineração registrou pior desempenho, refletindo as incertezas em relação ao ritmo

de crescimento da economia chinesa e a menor atratividade relativa diante da recuperação dos ativos domésticos. A elevada dispersão entre os retornos setoriais reforçou a importância da seleção individual de empresas, especialmente em um contexto no qual a atividade econômica começa a apresentar sinais de desaceleração e o ambiente operacional permanece desafiador para parte dos setores ligados ao consumo.

Seguimos com uma visão construtiva para a renda variável brasileira. A proximidade do processo eleitoral de 2026 e a definição das expectativas para a condução da política econômica em 2027 passaram a ocupar posição central na formação dos preços dos ativos domésticos. Mesmo após a forte valorização observada no início de outubro, continuamos identificando oportunidades em boas companhias.

A evolução dos preços dos ativos nos próximos meses dependerá, em grande medida, do comportamento das expectativas eleitorais, da credibilidade do ajuste fiscal, da trajetória da inflação e do ambiente de juros globais. A continuidade da valorização do mercado exigirá, cada vez mais, a transformação das expectativas positivas em medidas econômicas concretas e em uma melhora gradual dos resultados corporativos.

Nos fundos, seguimos priorizando empresas de qualidade, com balanços sólidos, forte geração de caixa e potencial de captura dos benefícios decorrentes de uma melhora do ambiente fiscal. Mantivemos exposição a companhias domésticas que combinam sensibilidade à queda dos juros com qualidade de execução, sem depender exclusivamente de expansão de múltiplos para sustentar retornos.

Também preservamos posições relevantes no setor de utilities, que, em nossa avaliação, apresenta uma combinação atrativa de previsibilidade de resultados, baixa sensibilidade ao ciclo econômico e potencial de valorização em um cenário de redução das taxas de juros de longo prazo. Por outro lado, permanecemos com exposição reduzida a commodities, uma vez que entendemos que a assimetria entre risco e retorno continua pouco favorável.

PERSPECTIVAS RENDA VARIÁVEL

Após a expressiva alta observada no início de outubro, acreditamos que a disciplina na seleção de empresas torna-se ainda mais importante. Em nossa visão, o desafio passa a ser diferenciar os movimentos de curto prazo impulsionados pelo cenário macroeconômico da geração sustentável de valor, mantendo o foco em negócios de qualidade e em ações que continuem oferecendo retornos atrativos.

RENTABILIDADE DOS PRINCIPAIS BENCHMARKS DE RENTA VARIÁVEL

	MÊS	ANO	12 MESES	24 MESES	36 MESES
S&P 500 USD	-0,45%	11,77%	14,40%	32,78%	78,44%
MSCI WORLD USD	-1,31%	10,66%	13,84%	31,68%	71,83%
IDIV	4,45%	13,20%	23,10%	37,44%	64,21%
IBOVESPA	5,03%	15,65%	27,42%	41,36%	59,86%
SMALL CAPS	5,23%	-1,61%	1,01%	11,67%	7,48%
IBRX100	4,86%	15,50%	27,00%	40,90%	59,97%

RETORNO DOS DIVERSOS ÍNDICES DE MERCADO

Setembro	2026	2025	2024	2023	2022	2021	2020	2019	2018	2017	ACUM. a.a.
Ibovespa	Ibovespa	Ouro	OURO	S&P 500	IHFA	S&P 500	OURO	IBX	DÓLAR	IBX	S&P 500
5,03%	15,65%	46,65%	59,64%	24,23%	13,57%	26,89%	55,93%	33,39%	17,13%	27,55%	242,43% 13,15%
IBX	IBX	Ibovespa	DÓLAR	Ibovespa	IMA-S	DÓLAR	DÓLAR	Ibovespa	OURO	Ibovespa	IBX
4,86%	15,50%	33,95%	27,91%	22,28%	12,74%	7,39%	28,93%	31,58%	16,93%	26,86%	218,48% 12,33%
IMA-B	S&P 500	IBX	S&P 500	IBX	CDI	IMA-S	S&P 500	S&P 500	IBX	S&P 500	Ibovespa
3,15%	11,78%	33,45%	23,31%	21,27%	12,39%	4,67%	16,26%	28,88%	15,42%	19,42%	210,82% 12,05%
IRF-M	IMA-S	IRF-M	IMA-S	IRF-M	IRF-M	OURO	IRF-M	OURO	Ibovespa	IRF-M	Ouro
2,09%	10,62%	18,22%	11,11%	16,51%	8,82%	4,43%	6,69%	28,10%	15,03%	15,20%	188,72% 11,23%
IHFA	CDI	S&P 500	CDI	IMA-B	IMA-B	CDI	IMA-B	IMA-B	IMA-B	OURO	IRF-M
1,94%	10,51%	16,39%	10,83%	16,05%	6,37%	4,42%	6,41%	22,95%	13,06%	13,89%	149,02% 9,59%
CDI	IMA-B	IHFA	IHFA	IMA-S	Ibovespa	IHFA	IHFA	IRF-M	IRF-M	IMA-B	IMA-B
1,08%	10,11%	15,09%	5,65%	13,25%	4,69%	1,79%	5,27%	12,03%	10,73%	12,79%	146,88% 9,49%
IMA-S	IRF-M	IMA-S	IRF-M	CDI	IBX	IMA-B	IBX	IHFA	IHFA	IHFA	IMA-S
1,06%	9,29%	14,55%	1,86%	12,99%	4,02%	-1,26%	3,50%	11,12%	7,09%	12,41%	139,51% 9,16%
DÓLAR	IHFA	CDI	IMA-B	IHFA	DÓLAR	IRF-M	Ibovespa	IMA-S	CDI	IMA-S	CDI
-0,01%	6,76%	14,32%	-2,44%	9,27%	-6,50%	-1,99%	2,92%	5,99%	6,42%	10,16%	136,83% 9,04%
S&P 500	DÓLAR	IMA-B	IBX	OURO	OURO	IBX	CDI	CDI	IMA-S	CDI	IHFA
-0,45%	-5,84%	13,17%	-9,71%	-5,96%	-8,48%	-11,17%	2,76%	5,96%	6,42%	9,93%	133,00% 8,86%
OURO	Ouro	DÓLAR	Ibovespa	DÓLAR	S&P 500	Ibovespa	IMA-S	DÓLAR	S&P 500	DÓLAR	DÓLAR
-7,09%	-10,05%	-11,14%	-10,36%	-7,21%	-19,44%	-11,93%	2,39%	4,02%	-6,24%	1,50%	59,80% 4,82%

COMENTÁRIOS DO GESTOR

BRAM H RF LONGO PRAZO VOLGA				
	Mês	Ano	6M	12M
Rentabilidade	1,59%	9,75%	6,77%	13,40%
CDI	1,08%	10,51%	6,86%	14,48%
% CDI	146,47%	92,71%	98,61%	92,57%

CNPJ: 09.241.756/0001-05; Tipo Anbima: Renda Fixa Duração Livre Grau de Investimento. Taxa de administração: Não há. Taxa de performance: não há.

BRADESCO FIC FIA INSTITUCIONAL IBrX ALPHA				
	Mês	Ano	6M	12M
Rentabilidade	5,17%	13,59%	-1,48%	24,71%
IBrX-100	4,86%	15,50%	-0,91%	27,00%
Distância IBrX	0,31%	-1,90%	-0,58%	-2,29%

CNPJ: 14.099.976/0001-78; Tipo Anbima: Ações Índice Ativo. Taxa de administração: Não há. Taxa de performance: não há.

BRADESCO FIA MID SMALL CAPS				
	Mês	Ano	6M	12M
Rentabilidade	5,50%	4,65%	-3,21%	12,44%
IBOVESPA	5,03%	15,65%	-0,60%	27,42%
Distância IBOV	0,47%	-11,00%	-2,61%	-14,99%

CNPJ: 06.988.623/0001-09; Tipo Anbima: Small Caps. Taxa de administração: 1,50%. Taxa de performance: não há.

COMENTÁRIOS DO GESTOR

BRADESCO SEQUOIA SELEÇÃO FIC FIA				
	Mês	Ano	6M	12M
Rentabilidade	5,47%	4,46%	-3,38%	12,24%
IBOVESPA	5,03%	15,65%	-0,60%	27,42%
Distância IBOV	0,44%	-11,19%	-2,78%	-15,18%

CNPJ: 34.123.534/0001-27; Tipo Anbima: Ações Índice Ativo. Taxa de administração: Não há. Taxa de performance: 20% sob 100% do Ibovespa.

BRADESCO FIC FIA SELECTION				
	Mês	Ano	6M	12M
Rentabilidade	6,01%	9,31%	-1,97%	15,16%
IBOVESPA	5,03%	15,65%	-0,60%	27,42%
Distância IBOV	0,98%	-6,34%	-1,37%	-12,26%

CNPJ: 03.660.879/0001-96; Tipo Anbima: Ações Índice Ativo. Taxa de administração: 1,50%. Taxa de performance: não há.

BRADESCO GLOBAL FIA IE				
	Mês	Ano	6M	12M
Rentabilidade	-1,19%	6,28%	15,58%	12,60%
MSCI ACWI Tot Ret	-1,42%	6,37%	16,20%	13,42%
Distância MSCI ACWI	0,23%	-0,09%	-0,62%	-0,81%

CNPJ: 18.085.924/0001-01; Tipo Anbima: Ações Investimento no Exterior Taxa de administração: 0,75%. Taxa de performance: não há.

COMENTÁRIOS DO GESTOR

BRAM FI RF TARGET				
	Mês	Ano	6M	12M
Rentabilidade	1,08%	10,66%	6,99%	14,65%
CDI	1,08%	10,51%	6,86%	14,48%
% CDI	99,86%	101,42%	101,89%	101,20%

BRAM FI RF IMA-B 5				
	Mês	Ano	6M	12M
Rentabilidade	2,00%	11,30%	7,19%	14,69%
IMA-B 5	2,01%	11,37%	7,22%	14,80%
Distância IMA-B 5	0,00%	-0,07%	-0,04%	-0,11%

BRAM INSTITUCIONAL FI RF IRF-M				
	Mês	Ano	6M	12M
Rentabilidade	2,07%	9,19%	6,71%	12,84%
IRF-M	2,09%	9,29%	6,77%	12,98%
Distância IRF-M	-0,01%	-0,10%	-0,06%	-0,13%

BRAM FI RF IMA-B 5+				
	Mês	Ano	6M	12M
Rentabilidade	3,82%	8,78%	6,37%	12,78%
IMA-B 5+	3,82%	8,85%	6,41%	12,87%
Distância IMA-B 5+	0,00%	-0,07%	-0,05%	-0,09%

MÍDIAS SOCIAIS

Quer acompanhar a indústria de fundos e ficar por dentro das novidades?



YouTube

Bradesco Asset Management



Instagram

@bradesco.asset



LinkedIn

Bradesco Asset Management



Site

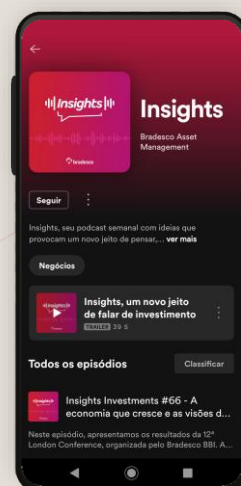
bram.bradesco



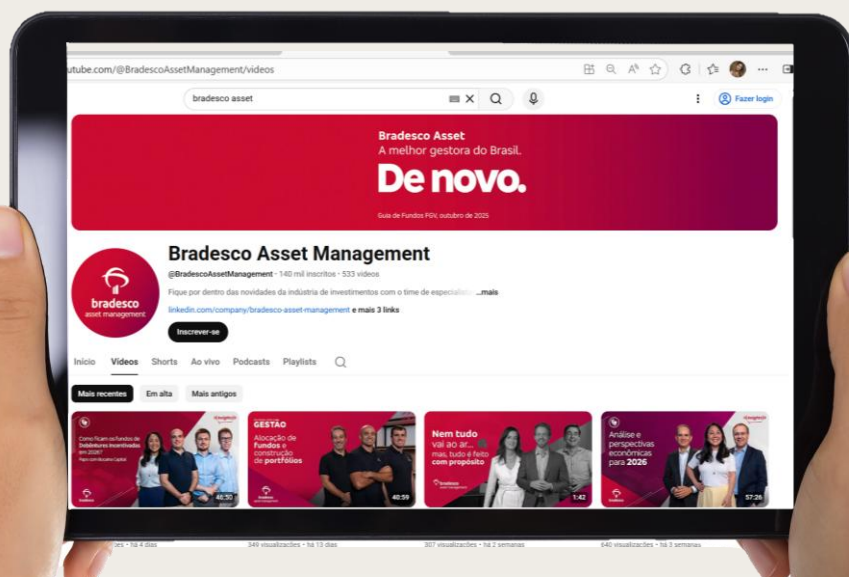
Ouçá nossos gestores e analistas no

Podcast Insights

no **Spotify** ou na plataforma de sua preferência



Toda semana, trazemos assuntos em alta com análises econômicas e amplo conteúdo de fundos.



INFORMAÇÕES IMPORTANTES

Material de divulgação produzido pela Bradesco Asset Management, departamento de gestão de recursos do Banco Bradesco S.A. Este material tem caráter exclusivamente informativo, não constitui oferta, análise de valor mobiliário, recomendação de investimento ou promessa de rentabilidade. As opiniões refletem julgamentos na data de sua elaboração e podem ser alteradas sem aviso prévio. Este material destina-se ao uso exclusivo do destinatário, sendo vedada a sua reprodução ou distribuição sem a prévia autorização da Bradesco Asset Management. Os comentários de gestão dos fundos de investimento espelho não foram produzidos pela Bradesco Asset Management e sim enviado pelos gestores terceiros. Os investimentos em fundos não são garantidos pelo administrador, pelo gestor, por qualquer mecanismo de seguro ou pelo Fundo Garantidor de Crédito - FGC. ANTES DE INVESTIR, LEIA A LÂMINA DE INFORMAÇÕES ESSENCIAIS, SE HOUVER, ASSIM COMO O REGULAMENTO, ANEXO-CLASSE E APÊNDICE SUBCLASSE, CONFORME O CASO. Os documentos podem ser encontrados no site da CVM por meio de consulta pelo CNPJ do Fundo.

Para saber mais sobre esse e outros fundos, acesse app

Bradesco > Investimentos > Investir > Fundos de Investimento e busque pelo nome.

Se preferir, consulte seu gerente de relacionamento ou fale com nossos especialistas de investimentos:

Por telefone

Fone Fácil Bradesco: 4002 0022 / 0800 570 0022 | **SAC – Alô Bradesco:** 0800 704 8383 | **SAC – Deficiência Auditiva ou de Fala:** 0800 722 0099 | **Ouvidoria:** 0800 727 9933. **Assessoria de Investimentos:** Capitais e regiões metropolitanas: 4020 1414 | Demais localidades: 0800 704 1414 – **Em dias úteis, das 8h às 19h – horário de Brasília.**

